

**PÁG. 7**

**Boxe atrai público feminino**

O boxe é uma opção para mulheres que buscam condicionamento físico. A prática do esporte traz rápida perda de peso, reduz o estresse e proporciona o aumento da concentração, coordenação e agilidade. Em Araraquara já são 87 mulheres que praticam o esporte, número 35% maior do que o de homens.

**PÁG. 8**

**Parcerias incluem deficientes no mercado de trabalho**

A inclusão dos deficientes físicos na sociedade ainda é um tema em debate. A União dos Deficientes Físicos de Araraquara (Udefa) conseguiu estabelecer parcerias com diversas empresas para colocá-los no mercado de trabalho.

**LEITURA: desafio nacional**

Programa busca aumentar o hábito de leitura da população em 50%, ou seja, de 1,8 para 2,7 livros por habitante/ano. "Vivaleitura", lançado em 2006 na 19ª Bienal do Livro, realizará eventos, campanhas de conscientização e mobilização de toda a sociedade. Entre os objetivos do programa está a implantação de bibliotecas em todas as cidades do país. **PÁG. 4**



Foto: Bruno Marasca

Em uma lista de 30 países, o Brasil está em 27º lugar em hábito de leitura

**Segurança**

**Repúblicas são alvos frequentes de ladrões**

Ausentar-se das repúblicas representa um risco aos estudantes que geralmente não sabem a quem recorrer em caso de furtos. Autoridades policiais recomendam cuidados simples, como manter um bom relacionamento com os vizinhos, para evitar transtornos. **PÁG. 3**

**Tecnologia**

**Programas inserem jovens na era digital**

A vida dos jovens do século XXI está ligada às novas tendências do mercado tecnológico. Porém, na prática, são poucos os que realmente usufruem dos benefícios da era digital. Para sanar esse problema, existem programas como o "Computador Para Todos". **PÁG. 5**

**Aumenta o interesse por concursos públicos**

A procura por cursos preparatórios para concursos públicos cresceu em Araraquara nos últimos anos. Escolas especializadas no segmento têm

atraído desde jovens recém formados no ensino médio, em busca do primeiro emprego, até profissionais interessados em estabilidade. Entre as carreiras

mais concorridas estão as da Receita Federal e do Poder Judiciário. Segundo dados da Associação Nacional de Proteção aos Concursos Públicos (Anpac),

o mercado de concursos públicos movimentou cerca de R\$ 100 milhões somente em 2005. **PÁG. 3**

**Tecnologia**

**Caem as vendas de câmeras analógicas**

**PÁG. 5**

**Cultura**

**Filmes de arte são destaque em Araraquara**

**PÁG. 6**

**Comportamento**

**Mães solteiras enfrentam preconceitos na sociedade**

**PÁG. 2**

**Cultura**

**Livro aborda análises sobre assentamentos rurais**

**PÁG. 8**

Foto: Analice Gaspar Garcia



**Skate ganha adeptos na região**

O skate é o esporte que mais evoluiu na região e, entre os principais motivos, estão os investimentos na construção de diversas pistas em São Carlos, Araraquara e Matão, além de maior divulgação na mídia. **PÁG. 7**

**Cada vez mais o skate conquista os jovens na região**

Foto: Analice Gaspar Garcia



**Colecionadores mantêm a cultura do vinil**

Ainda é possível encontrar colecionadores apaixonados pelo disco de vinil em São Carlos, Araraquara e Ibaté. A maioria conta com grande acervo, de até três mil volumes. **PÁG. 6**

**Coleções de disco de vinil permanecem em plena era digital**



# Depressão: Psiquiatra destaca importância de conscientização

## Doença altera o humor e a forma como a pessoa vê o mundo

Repórter **Roger Mendes**

A psiquiatra Fátima M. S. Victorio, de Araraquara, afirma que as vítimas de depressão devem se conscientizar a respeito da depressão que é uma doença que precisa ser tratada. “A conscientização conduz à aceitação, entendendo que aceitação não seria gostar do fato e sim ver uma realidade”, diz.

Ela explica que existem especialistas, tratamentos médicos e psicológicos que podem embasar uma vida produtiva, lembrando que uma crise pode ser uma grande oportunidade desde que bem utilizada.

Segundo ela, a depressão é uma doença do organismo como um todo, que compromete fisicamente o humor e, em consequência, o pensamento. Caracterizada por uma alteração psíquica global, uma espécie de lentificação de todos os processos mentais, como uma preguiça cerebral

geral, por exemplo, que influi no desempenho sexual, no apetite, que pode estar aumentado ou diminuindo, na disposição e ânimo gerais, a capacidade de concentração e memória com formas diferentes de valorizar a realidade e a vida.

“Altera a maneira como a pessoa vê o mundo e sente a realidade, além de afetar a alimentação, o sono e como a pessoa sente em relação a si própria”, comenta.

De acordo com a psiquiatra, a própria melhora da qualidade de vida, o autoconhecimento e a transfor-mação interna abrem portas para certos valores que antes da dor da alma não poderiam ser percebidos e o paciente deixa os medicamentos, psicoterapias, na hora e maneira corretas.

Ela informa que a depressão se apresenta sob a forma típica, como tristeza, choro e apatia, para outros, pode se manifestar através de sintomas físicos e ainda é

comum estar associada à Síndrome do Pânico.

“O esgotamento pode ser também uma outra forma da depressão. É sentir-se sem ânimo para a vida, falta disposição para continuar, enfrentar problemas corriqueiros, a monotonia, tudo perde o colorido, o prazer passa a não mais existir”, observa.

### MANIFESTAÇÕES

Na depressão típica, manifesta-se todos os sintomas como apatia, desinteresse, tristeza ou vazio, desânimo, alteração do sono, do apetite e da concentração.

Já a depressão atípica é uma maneira disfarçada da doença se apresentar, geralmente camuflada por somatizações (sintomas físicos como hipertensão arterial, gastrite, colite etc). Em pessoas que já foram a consultórios médicos com variadas reclamações e feito inúmeros exames, continuam achando que a medicina não conseguiu descobrir a causa de seus problemas.

Um grande número de casos de depressão se apresenta de forma atípica, ou seja, sem que a pessoa se perceba deprimida e sem a grande maioria dos sintomas apresentados na depressão típica.

Muitos que não detectam um motivo justo para sua tristeza, acabam achando impossível manifestar um sentimento depressivo. Podem pensar que se estivessem deprimidos sem motivos e apesar das coisas estarem bem, seriam considerados emocionalmente descontrolados.

“Nesse tipo de pacientes reconhecemos a depressão atípica, que tecnicamente seria denominada como Transtorno do Humor sem outra especificação”, diz a psiquiatra.

### RELATOS

Eduardo Bento Ferreira, na época com 18 anos sofreu de depressão e ficava revoltado, pensava ser alguém inútil, não confiava nas pessoas e em si próprio. Chorava,

quase não falava e apenas queria ficar num quarto escuro, querendo morrer.

“Também namorava e após uma discussão via internet com minha namorada, tentei falar com ela por telefone e não consegui. Tive um ataque de nervos e bati com a cabeça no vidro de uma janela em casa”, conta.

Embora tivesse o comportamento agressivo, a mãe o compreendia e o ajudou de diversas maneiras a superar a depressão levando-o ao médico. A médica iniciou um tratamento com medicação e passou algumas orientações. Eduardo ficou fora da cidade quase um ano e morando numa república com outros jovens, o que ele considera ter sido muito importante na sua recuperação.

Outro jovem, Eduardo Galiani descobriu ter depressão na adolescência, pois sua mãe, Rosana Galiani, percebeu que o filho se comportava diferente dos outros garotos da sua idade e o con-

venceu a ir ao médico. Ela relatou que o filho não sorria, falava pouco, chorava muito e sofria de insônia.

Após ter consultado um psiquiatra, foi medicado e tomou o remédio num período de cinco meses sentiu-se melhor e achando que não era mais necessário e deixou de tomar os remédios, ficando três meses sem se sentir mal.

“Hoje ainda tenho crises, normalmente todo começo de mês, sinto quando vou ter e logo tomo um remédio que me faz acalmar e ficar melhor. Acho que uma das coisas que me fazia mal, naquele período, era a situação financeira dos meus pais”, afirma.

A medicina dispõe de recursos satisfatórios para este tratamento. Atualmente os medicamentos para depressão são eficientes, específicos e cada vez com menos efeitos colaterais. Anti-depressivos, por exemplo, não são calmantes e sim substâncias específicas para a correção do estado que o paciente se encontra.

# Mães solteiras trabalham para sustentar família

## Mulheres se dividem nas funções familiares e profissionais para criarem os filhos sozinhas

Repórter **Ana Carla Lacerda**

Há alguns anos, o fato de uma mulher criar seus filhos sem a companhia de um marido não era visto com naturalidade, era uma vergonha. A instituição Casa Betânia, de Araraquara, foi criada em 1950 para abrigar adolescentes que eram expulsos de casa por estarem grávidas. Hoje, os casos mais comuns são de violência doméstica.

O Conselho Tutelar encaminha para a Casa Betânia mães que estão sujeitas a maus tratos e que não têm condições de sustentar a família sozinhas. Já permaneceram na Casa, nove mães e 15 crianças. A entidade se responsabiliza por oferecer abrigo, alimento e um lar organizado, porém, tem como papel fundamental o de incentivar as mães a saírem para trabalhar, fazerem cursos e levarem os filhos para a escola.

“Procuramos passar para as mães e filhos que aqui é como um lar”, comenta a assistente social Ana Maria da Silva. “Temos que propiciar o conforto, a ordem, bom relacionamento com as outras pessoas e sair atrás de sustento e capacitação”.

Maria Lúcia da Silva Souza, que está abrigada na instituição, tem três filhos: Erick Felipe da Silva, de seis anos, Lucas Luan, de quatro, e Fernando Henrique, de dois e está grávida de sete meses. Ela está desempregada, mas educar os filhos e sonha em poder dar-lhes uma oportunidade de estudar e ter uma profissão no futuro.

A psicóloga Tereza Pimentel, que mantém uma clínica particular na cidade, afirma que cada situação resulta de uma estrutura de vida. “Cada um tem seu papel na família, pais, avós e primos”, diz. “Quando um lar se torna incompleto, ocorrem vários abalos

emocionais. No caso em que a mãe fica solteira, o que não pode acontecer é sobrecarregá-la ou fazer com que a criança fique hiperativa”, completa.

Na maioria dos casos, segundo a psicóloga, as crianças se sentem inseguras, ou seja, abandonadas completamente pelo pai e temporariamente pela mãe. A especialista afirma que, com a evolução do papel da mulher na sociedade, as mães passaram a ter outras escolhas e, muitas vezes, preferem “dar a cara ao mundo” e não medir esforços para sustentar um lar com suas próprias mãos.

Fabiana Aparecida Aguiar, de 23 anos, trabalha como balconista e é mãe de Gustavo Augusto Aguiar da Silva, de sete anos, e Pedro Aguiar, de três. Irmãos de pais diferentes, Gustavo e Pedro têm uma relação tranqüila em família. Ela mora com os pais, mas não permite que eles influenciem na educação dos meninos. Trabalha para sustentar os filhos e ajudar na casa. Procura não deixá-los com a avó na maior parte do tempo. “Antes de sair, arrumo meus filhos, dou comida e sempre oriento como se portar nos lugares”, comenta.

**Maria Lúcia tem três filhos e está grávida de mais um. Desempregada, luta para dar uma boa educação aos filhos**



Foto: Mariana Teixeira

## Expediente

**O Jornal Vitral é produzido pelos alunos do 3º ano do curso de Jornalismo da Uniara**

**Chefe do Departamento de Ciências Humanas e Sociais**  
Prof. Mivaldo Messias Ferrari

**Coordenadora do Curso de Jornalismo**  
Profª. Elivanete Zuppolini Barbi

**Professores Responsáveis**  
Andrea Cupolillo  
Cesar Mulati  
Francisco Belda  
Márcio Martinelli

**Secretaria de Redação**  
Natasha Helena Gonzales Costa  
Luciane Tezzei Pereira  
Cisneiros

**Editores**  
Maria Luiza Paiva Santos  
Fernanda Mont'Alvão Moraes

Michele Carvalho  
Geziellen Tereza da Silva  
João Antonio Castro  
Tábata Verônica Castro  
William Guilherme de Oliveira

**Fotografia**  
Analice Gaspar Garcia  
Bruno Marasca  
Mariana Teixeira Loreto  
Simone Rigolin Soriano

**Repórteres**  
Alvaro Taniguti  
Emanuele Nunes Fernandes

Ana Carla Mendes Lacerda  
Charlene Cristina Hernandes  
Fernando Henrique M. Da Silva  
Francisco Lourenço Barbosa  
Itaici José Brunetti Perez  
Maiko da Cunha Magalhães  
David Chaves Fugazza  
Elias Taveira de Freitas  
Erika Mac Knight  
Heliene Georgia Figueiredo  
Jefferson Willian Leme  
Juliana Franco  
Jairo Figueiredo Falvo  
Katia Sirqueira de Farias

Kleber Jorge Savio Chicrala  
Mariana Ribeiro Lisboa Braga  
Milena Torquato Daniel  
Rodrigo Pagliani Simonato  
Roger Tiago de Freitas Mendes  
Simone Cristina Dib  
Val Rodolpho Mortari Neto  
Nadia Lopes  
Alan Pablo Cesar Pereira  
Livia Rodrigues

**Impressão**  
Interpress Comunicações  
Editoriais / São Carlos - SP



## Concursos públicos são opção de estabilidade

Crescimento da procura está relacionado com a concorrência de mercado

Repórter  
**Heliene Figueiredo**

Dados da Associação Nacional de Proteção aos Concursos Públicos (ANPAC) indicam que o mercado de concursos movimentou cerca de R\$ 100 milhões no ano passado. A estimativa é de que até 2015 serão abertas cerca de 250 mil vagas em concursos públicos apenas na esfera federal. Segundo especialistas, essa tendência decorre da disputa de mercado cada vez mais forte, da dificuldade de se conseguir emprego e da procura por estabilidade profissional.

O número crescente de cursos de ensino superior também é um dos grandes motivos de procura por concursos. A cada ano, são despejados no mercado milhares de profissionais de diversas áreas, enquanto as vagas têm um crescimento tímido e não abrigam todos os interessados. Por esta razão, a faixa salarial destes profissionais oscila bastante, deixando-os inseguros de continuar na disputa.

Cada vez mais, os cursos preparatórios são aperfeiçoados para atender os requisitos exigidos pelos concursos e para atrair alunos. As aulas são dinâmicas e empregam recursos tecnológicos, como softwares de ensino a distância e sistemas de vídeo-conferência, por meio dos quais professores em qualquer lugar do Brasil ou do mundo dão aulas ao vivo, debatem e tiram dúvidas de estudantes de várias cidades ao mesmo tempo.

Para o doutor em Economia Oscar Tupi, pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e professor do Centro Universitário de



Foto: Mariana Teixeira

### REALIDADE

“Eu tinha um bom emprego, em minha área de formação acadêmica, porém com tantos profissionais com a mesma formação, o mercado nos faz mendigar clientes e espaço”, diz um fiscal da Receita Federal que não quis se identificar, formado em Odontologia há dez anos e funcionário público há cinco. “Com o tempo você passa a ganhar menos do que precisa para viver dignamente. Cheguei a conclusão de que tentaria um concurso para qualquer coisa quando descobri que minha secretária estava ganhando mais do que eu”, afirma.

Para o bancário Vagner Mourão, o concurso público não interrompeu seu sonho de profissão, apenas lhe assegurou mais tempo para se aperfeiçoar. “Sou cientista social, mas ainda não estou pronto para enfrentar essa disputa. Com o concurso posso ser bancário e nas horas vagas vou me especializar para poder exercer com mais tranquilidade minha formação.”

Diante da atual situação de mercado, algumas pessoas já nem se preocupam mais em investir em uma profissão e buscam de imediato os concursos. Kele Oliveira, que há dois anos concluiu o ensino médio, é uma das que tentam uma vaga nos concursos públicos. “O dinheiro que eu gastaria em cursinhos pré-vestibulares ou em faculdades públicas estou investindo nos concursos”, diz. “Depois que passar em algum concurso e estiver com uma renda estável, penso em fazer uma universidade, mas quero mesmo é um emprego que me dê segurança”.

### Cursos preparatórios para concursos atraem cada vez mais candidatos

Araraquara (Uniar), essa grande procura por concursos públicos é uma jogada de sorte, na qual se ganha ou perde. “Decidir pelo concurso público e tentar uma vaga no mercado de trabalho é o mesmo que escolher entre a renda fixa ou arriscar na Bolsa de Valores”, comenta. “Às vezes você ganha com a escolha, mas se você se arrisca na Bolsa de Valores, apesar do alto risco, terá

chance de se sair muito bem”.

Para Tupi, as dificuldades em se empregar e o medo de enfrentar o mercado profissional são o que fazem com que as pessoas busquem concursos públicos. Mas ele alerta: “acho que quem não arrisca corre o risco de ficar o resto da vida frustrado em um emprego que não era o de seus sonhos, sem saber se fez a escolha certa, pensando que se tivesse

arriscado poderia se dar bem”.

Já o juiz de direito Paulo Luiz Treviso, coordenador de um curso preparatório para concursos em Araraquara, afirma que as pessoas estão em busca de um porto seguro, no qual possam se esconder da volatilidade do mercado. “As pessoas procuram ter uma renda fixa todo mês, mesmo que não seja a melhor, mas que seja algo garantido”.

Ele ainda comenta que os concursos não são procurados apenas por graduados ou pessoas de nível médio, mas por profissionais de diversas áreas, com especializações e até doutorados, que já não são mais garantia de emprego, assim como sobrenome e experiência já não têm o mesmo peso. “As pessoas querem crescer sempre e o concurso pode proporcionar isso”, finaliza.

## Furtos em repúblicas preocupam estudantes

Medidas simples e boa convivência com vizinhos ajudam a evitar furtos

Repórter **Álvaro Taniguti**

Araraquara é uma cidade de porte médio e pode ser considerada como um centro universitário, pela grande oferta de cursos disponibilizados pelas universi-

dades e faculdades no município. Ao serem aprovados no vestibular, jovens de outras localidades iniciam uma maratona para fixarem residência, como alugar uma casa e transformá-la em uma república.

A mudança radical é bastante

traumática para o jovem, porque ele não assume somente a responsabilidade do compromisso estudantil, mas também com o meio social, do qual ele desconhece. Assim, começam os problemas com várias questões do dia-a-dia, trabalhos, provas, despesas e festas, que viram caso de polícia, devido ao barulho. Outro problema mais grave é a segurança.

Os estudantes mostram-se preocupados, sendo alvos dos marginais, no momento em que se ausentam das moradias, seja no período das aulas, finais de semana, feriados e férias. Hélika Figueiredo 26, estudante do último ano de Direito e Mauro do Nascimento Neto, 20 anos, do segundo ano em Administração Pública, vivem situações diferentes e o mesmo sentimento de temor e insegurança.

A estudante diz buscar locações que tenham uma estrutura mínima de segurança e também fez seguro residencial. Ela reside em um bairro próximo à universidade e conta que nunca teve problemas com furtos. “Somos em três e estamos há oito meses nesta casa, em outros imóveis nunca enfrentei problemas, mas não descuido nem um minuto”, conclui Hélika.

A república de Mauro foi duas vezes vítima de furto. Na primeira, uma testemunha acionou a polícia, que prendeu os suspeitos. Na segunda, o dispositivo de segurança instalado não freou os ladrões que durante um final de semana, furtaram fogão, bicicleta e outros objetos.

“Conversamos com a imobiliária, na primeira tentativa de furto, que negociou com a proprietária do imóvel a instalação de uma cerca elétrica para evitar que rescindissemos o contrato. Na segunda vez, nem a cerca impediu os ladrões. Vamos procurar outro imóvel assim que o período da multa do contrato de locação expirar”, comentou o estudante.

### POLÍCIA

O delegado Jesus Nazaré Romão, da Delegacia de Investigações Gerais (DIG) de Araraquara e o comandante da 1ª Companhia de Polícia Militar do Município, capitão Wagner Tadeu da Silva Prado, são unânimes em afirmar que lâmpadas acesas o dia todo, sujeira excessiva, correspondência, jornais, revistas e panfletos de propaganda acumulados, evidenciam que a casa está vazia. E eles enumeram alguns cuidados.

“Os estudantes devem ter um bom relacionamento com a vizinhança, todos os dias, pois esse convívio abre portas para que se tornem parceiros nessas horas. Nos períodos de ausência prolongada, informar aos vizinhos, deixando nomes e números de telefone de suas cidades de origem”, sugere Romão.

“Se o morador deparar com as portas arrombadas e o ladrão for surpreendido no interior é importante não reagir, obedecer e memorizar as características físicas, para depois informar à polícia”, aconselha Prado.



Foto: Simone Soriano

### República localizada no centro de Araraquara: alvo dos ladrões

Os dados da Secretaria de Segurança Pública apontam um aumento de 2.956 dos furtos, no ano de 2000 para 4.125 registros em 2005. O número de roubos sofreu uma queda de 577 casos em 2000 para 521 no ano passado. As estatísticas apresentadas são gerais e não detalham as modalidades, como furtos em residências, escritórios ou lojas.

### IMOBILIÁRIAS

Na opinião de Pedro Augusto Lia Tedde, proprietário de uma imobiliária da cidade, o perfil das locações de imóveis, em Araraquara, está se transformando. Ele afirma que o aumento na oferta de novos cursos de

graduação se traduz num aquecimento natural e esperado no número de transações do mercado imobiliário.

“O locatário de imóvel mudou bastante no conceito sobre república, hoje, há muitos profissionais que surgem de outras cidades e preferem constituir moradias coletivas para diminuir gastos, dividindo o mercado com universitários. Teoricamente os condomínios verticais oferecem mais segurança, mas as residências continuam com a mesma procura. Existem proprietários que relutam em alugar para repúblicas, mas isso diminuiu bastante em função da diversificação de clientela”, finaliza Tedde.



Foto: Simone Soriano

Para Dr. Romão estudantes devem se preocupar com a segurança



## “Ler é viver” incentiva crianças à leitura

Projeto universitário proporciona hábito de leitura para crianças carentes

Repórter **Erika Mac Knight**

O Projeto “Ler é viver” é um espaço de leitura onde crianças de até doze anos aprendem brincando a ler e escrever. A iniciativa é de uma equipe ligada à Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Araraquara e envolve duas creches da cidade. Na creche do Carmo, o projeto acontece todas as segundas-feiras, das 13h30 às 14h30 e, na Casa Betânia, nas quintas-feiras, no mesmo horário.

O programa surgiu em 2003 a partir do trabalho de alguns alunos de graduação do curso de Ciências Sociais da Unesp e hoje conta com a coordenação da professora Luci Muzzetti, que tomou a frente do projeto em 2004. Desde então, o programa foi o único da universidade que não teve cortes de verbas.

Para a professora Luci, as crianças do Brasil têm uma grande deficiência em seus hábitos de leitura. “Esse projeto busca colocar prazerosamente à disposição das crianças os livros, as histórias poéticas, permitindo que aprendam a ler e escrever com encantamento”, diz ela. “Isso se

torna uma questão de cidadania”.

A professora afirma que seu interesse em coordenar este projeto foi devido à constatação da carência cultural que aflige a sociedade. “A partir da teoria que eu trabalho e que envolve esta carência cultural, as crianças precisam quanto mais cedo ter o costume de, pelo menos, pegar em um livro e, consequentemente, sentir curiosidade”, explica. “Com isso vai se criando um hábito de ler, o que no futuro fará uma diferença na vida destes meninos e meninas”.

A estudante Solange Domingues de Oliveira, do curso de Letras da Unesp, participa pela segunda vez do projeto. “Acho bem interessante me envolver com as crianças lendo histórias e fazendo teatrinhos, pois isso faz com que elas prestem mais atenção na leitura”, conta. “Por outro lado, isso me faz sentir bem, afinal estou ajudando essas crianças a terem oportunidade de viajar no mundo dos livros”, observa. Segundo Solange, algumas vezes as crianças sentem curiosidade em ter contato com os livros, mas nem sempre sabem manuseá-los.

“Milhares de crianças brasilei-

ras, por não terem tido alguma forma de incentivo aos livros, chegam à idade adulta sem nunca terem lido uma história e isso é muito triste”, afirma Fernanda Pattaro, estudante de Ciências Sociais que também participou do projeto em 2003.

### CRIANÇAS CARENTES

Outra envolvida no programa é a estudante de Letras, da mesma universidade, Regina Alves Mendes. “Decidi optar por participar desse incentivo para ficar em contato com crianças carentes, o que acaba sendo bem diferente, pois são crianças mais sensíveis e, algumas vezes, choram ao se lembrarem de algo, tornando alguma bem dispersas das atividades”.

Sobre esse aspecto, a coordenadora do projeto, professora Luci, enfatiza que “é através destes tipos de empreendimentos que pode ser possível trazer esperança para as crianças e mostrar a elas um outro lado da vida, ou seja, o imaginário da leitura, o fabuloso mundo que um livro traz para qualquer indivíduo”.



Crianças se envolvem com leitura de livros

Foto: Bruno Marasca



Voluntária conta histórias para incentivar crianças à leitura

Foto: Bruno Marasca

## Matão participa do programa “Escola Tempo Integral”

Programa objetiva mais qualidade de ensino



Crianças comemoram o dia do Índio em escola de Matão

Foto: Divulgação

Repórter **Milena Torquato**

A escola estadual “Prof. Laert José Tarallo Mendes”, de Matão, foi selecionada para participar do programa “Escolas Tempo Integral”. O programa visa atender crianças e adolescentes de determinadas regiões do estado em torno de uma proposta pedagógica que responda às necessidades básicas dos alunos das escolas públicas estaduais.

As escolas que participam deste programa passam a oferecer, além de uma educação de qualidade no turno regular, oficinas pedagógicas no turno inverso, atendendo os estudantes de forma completa.

Além de profissionais capacitados e materiais didáticos, cada estudante recebe no mínimo três refeições diárias, garantindo melhores condições para o seu aprendizado.

O programa é destinado a crianças e adolescentes de baixo poder aquisitivo, proporcionando uma maior qualidade de ensino, na medida em que são trabalhadas em todas as áreas do conhecimento, ampliando, com metodologias diversificadas, os conteúdos da base curricular.

Anteriormente a escola de Matão oferecia ensino fundamental do Ciclo I do período diurno para 270 alunos. Ao ser selecionada, passou a ser uma escola de tempo integral do Ensino Fundamental do Ciclo I. É composta por 300 alunos, sendo que 30% são de classe média baixa e 70% de classe pobre, cujos pais trabalham no comércio, indústrias, em residências domiciliares e serviço rural.

“A essência do projeto é a permanência da criança e do adolescente na escola, assistindo integralmente em suas necessidades básicas e educacionais, ampliando o aproveitamento escolar, resgatando a auto-estima para atingir efetivamente a aprendizagem, sendo alternativa para redução dos índices de evasão, de repetência e de distorção idade/série”, comenta a diretora da escola, Conceição Aparecida Inácio.

Cleide Ferreira, mãe de um dos alunos está satisfeita com o projeto. “Posso dizer que no início meus filhos não gostaram de ficar todo o tempo na escola, hoje não reclamam. As aulas são bem diferentes, estão aprendendo muito e dentro de casa não aprenderiam. Com eles na escola fico mais segura e agora posso trabalhar a tarde mais tranquila”.

### OFICINAS

A professora Jaqueline Fiquini Júri, comenta que trabalhar nas oficinas é uma novidade tanto para os alunos como para os professores. “Estamos vivendo um projeto que iniciou recentemente e ainda encontramos dificuldades, mas o trabalho é satisfatório e está sendo bem desenvolvido. Noto que os alunos estão satisfeitos”.

Alguns professores estão na escola há bastante tempo, outros iniciaram este ano, com atividades do período da tarde, por meio de oficinas curriculares.

A escola de Matão ainda conta com uma biblioteca pequena, atendimento dentário, sala de informática, de vídeo, quadra esportiva, cantina e pátio. A equipe gestora é composta de diretor, vice-diretor, coordenador pedagógico e agentes de organização.

De acordo, com a coordenadora pedagógica, Patrícia Duro Márquez, a escola trabalha com programas da Secretaria de Educação, tais como: “Letra e Vida”, “Programa São Paulo: Educando pela diferença para a Igualdade”, “Prevenção também se Ensina”, “Educação Viária”, “Água hoje e sempre: Consumo Sustentável”, “Procel”, “Proerd”, “Saúde Bucal” e “Escola da Família”.

## Programa “Vivaleitura” busca revolucionar o âmbito literário no país

Repórter **Jairo Falvo**

O brasileiro lê em média 1,8 livro por ano. Índice baixo, se comparado ao de vizinhos como a Argentina, Chile e Uruguai. Para reverter o quadro, foi lançado na 19ª Bienal do Livro, em março, o Programa “Vivaleitura”, uma iniciativa conjunta de vários setores da sociedade que visa revolucionar o âmbito literário no país. Inicialmente o programa se estenderá até 2008 e entre seus objetivos estão a implantação de bibliotecas em todas as cidades do país e o aumento do hábito de leitura da população em 50%, ou seja, para 2,7 livros por habitante/ano.

O “Vivaleitura” faz parte do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), realizado pelos Ministérios da Educação e da Cultura. O programa une governo, iniciativa privada e a sociedade civil na busca por ações efetivas que aumentem o hábito de leitura dos brasileiros. Em recente pesquisa sobre assiduidade de leitura realizada pela revista inglesa *The Economist*, o Brasil figura em 27º lugar em uma lista de 30 países.

Segundo o professor de Língua e Literatura Latinas da Universidade Estadual Paulista (Unesp) João Batista Toledo Prado, o brasileiro lê pouco devido a fatores históricos, culturais e comerciais no que diz respeito ao alto custo das publicações lançadas no mercado editorial brasileiro. No entanto, Prado explica que a má orientação de pais e professores no período escolar é o maior obstáculo. “As crianças precisam perceber que os livros são imprescindíveis e que a informação oriunda de outras mídias não tem o mesmo impacto nem profundidade”, conclui.

O operador de máquinas Antonio Marcos Pereira é um retrato fiel da exposição do professor. Pereira afirma que nunca leu um livro e explica



Segundo o Ministério da Educação, o brasileiro lê em média 1,8 livro por ano

Foto: Bruno Marasca

que o principal motivo para isso foi a falta de incentivo na infância. “Eu fui criado por minhas tias e elas nunca me deram um livro para ler e na escola os professores não estimulavam a leitura”. Pereira considera importante ler, mas confessa que preferir televisão e ouvir rádio.

Fugindo desta realidade, o contabilista Geraldo Moreira Júnior é uma exceção neste país de poucos leitores. Leitor compulsivo, Júnior relata que na adolescência chegava a ler entre 100 e 120 livros por ano. Hoje, devido à falta de tempo ele confessa que essa quantidade caiu para aproximadamente 20. O contabilista relata que os pais tiveram participação fundamental no seu hábito pela leitura. “Meus pais assinavam publicações infantis e fizeram uma ficha na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, de Araraquara, onde eu chegava a retirar um livro por dia”, lembra.

### BIBLIOTECA

Com um acervo de aproximadamente 70 mil livros, a Biblioteca Municipal Mário de Andrade é um local perfeito para os que

gostam de ler. Segundo a bibliotecária Célia Regina Longobardo, a cada mês são retirados de 4 a 5 mil publicações. Ela diz que os livros mais procurados são os exigidos no vestibular, mas também ressalta o grande interesse dos leitores pelos *best sellers*. “Autores como Sidnei Sheldon, Paulo Coelho e Augusto Curi são constantemente solicitados pelos visitantes da Biblioteca”.

Em sua primeira edição, o Vivaleitura realizará até 2008 diversas atividades que buscarão aumentar o hábito de leitura dos brasileiros. Segundo o Ministério da Cultura, o programa terá um investimento nunca antes realizado no país e contará com eventos, campanhas de conscientização e mobilização de toda a sociedade.

Joelici Santos Caetano, proprietária da livraria e papelaria “Livrari@Com”, de Araraquara, não acredita que o programa irá ter êxito. “Vários governos já realizaram programas para aumentar o hábito de leitura, mas nenhum mudou muita coisa. Acho que é pura demagogia dos políticos para conquistarem votos nas eleições”, finaliza.



# TECNOLOGIA

## Mundo digital não integra jovens brasileiros

Muitas pessoas estão à margem das tecnologias e, contra isso, idéias como o "Computador para Todos" surgem com fôlego para a inclusão digital

Repórter **Fernando Martins**

Ler um e-mail. Enviar um *scrap* pelo *Orkut*. Colocar no *iPod* as novas músicas que acabou de baixar pela internet. Verificar se um amigo está online no MSN para confirmar o churrasco de sábado. Esta pode ser a lista de atividades que grande parte dos jovens faz quase que diariamente.

A explosão da tecnologia no século XXI trouxe a inclusão digital para faixas etárias cada vez menores e mas, além dos aspectos positivos, alguns cuidados devem ser tomados.

Desde a metade dos anos 90, há cerca de dez anos, o mundo todo recebe uma nova carga de informação e tecnologia a cada dia. No início, timidamente a Internet surgiu e, dentro de pouco tempo saiu dos grandes escritórios das corporações e entrou na vida das famílias, principalmente nas dos mais jovens.

O estudante de Turismo com ênfase em Hotelaria, Renato Bevilacqua Spoto, de 19 anos, diz que há dois lados nessa inclusão digital. "Tem um lado positivo e outro negativo nessa história. A convergência das mídias e a facilidade em se adquirir informação é bom, mas, até que ponto sabemos se isso é confiável?", questiona.

Spoto fala também sobre a praticidade da inclusão digital. "Antes tinha que se carregar pastas, papéis, discos e fitas. Hoje, baixa-se centenas de músicas e se coloca num MP3 *player* e, todos os arquivos podem ser gravados em CD's, *pen drives* e, até mesmo disquetes", completa.

O jovem diz usar muito a internet, com MSN e *Orkut*, bem como MP3 *players* e celular. "Hoje o celular faz tudo, mas muitos quase não o usam para ligar, que é sua função principal".

Seu amigo, Ronaldo dos Ramos Pereira, de 22 anos, concorda com Spoto e diz que muitas pessoas apenas usam os aparelhos por *status*. "Hoje é moda andar com um *iPod* ou ter um *notebook*,

porém, muitos não usam isso para outro fim, senão o divertimento", completa.

A universitária Maria Viktoria Tabak, também de 22 anos, vai ainda mais longe e diz que a inclusão digital é uma consequência da busca pelo progresso feita pelo homem.

"Desde a Antiguidade, os homens pensavam que o progresso geraria um mundo melhor", fala.

A jovem diz acompanhar as tendências da "onda digital" que invade o cotidiano, mas garante não perder muito tempo e dinheiro. "O que é útil para mim eu adquire, caso contrário, não acompanho a ditadura da moda de ter cada vez mais esses itens".

Daniel de Mendonça, de 30 anos, diz que a velocidade com que as formas de comunicação auxiliam o ser humano para todo e qualquer tipo de tarefas diminuem as distâncias e resolve problemas com muito mais facilidade e conforto. O estudante universitário contempla o lado humano da situação, que traz o aspecto negativo.

"Ligações humanas como um abraço, uma serenata ou expressões literárias acabam muitas vezes substituídas por representações binárias e eletrônicas, deixando as pessoas mais carentes e sujeitas a depressão", diz.

Mesmo assim, segundo ele, é necessário usar as tecnologias. "Usamos no trabalho, na faculdade, mas com o cuidado de nunca ser de forma substitutiva, mas sim como mais um meio de agregar conhecimento e produtividade".

### REALIDADE

Atualmente, saber usar um computador, ter um telefone celular e outros itens já é considerado um fator de eliminação para conseguir, inclusive, uma vaga de trabalho.

Segundo dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV), apenas 12,46% da população brasileira tem acesso a computadores e somente 8,31% estão conectados à Internet. A maioria destes poucos incluídos digitais, cerca

de 97%, se concentra na área urbana, acentuando ainda mais o desnível e deixando as zonas rurais praticamente na escuridão digital. Estes percentuais expõem o cenário de exclusão digital em que vive grande parte da população brasileira.

Esses estudos foram feitos para servir como referência da definição de estratégias para a superação da exclusão, influenciando políticas públicas, investimentos de empresas privadas e ações das ONGs.

Um dado curioso, levantado pelo estudo, é o acesso à tecnologia por etnia. Os orientais representam a parcela da população com maior acesso proporcional: 41,66%. Os brancos ocupam o segundo lugar com 15,14%, seguidos pelos pardos (4,06%) e os índios (3,72%).

Dados do Sistema de Avaliação do Ensino Básico, do Ministério da Educação, que também fazem parte do estudo, revelam que o desempenho de alunos é melhor entre os estudantes que têm computador em casa. O mesmo ocorre com crianças e jovens que contam com acesso doméstico à Internet.

A nota dos alunos que têm computador em casa é 17% maior em Matemática e 13% maior em Português, por exemplo.

### NOVOS RUMOS

Várias iniciativas somam-se para combater a exclusão digital. Poder público, empresas privadas e ONG's juntam-se para criar telecentros e núcleos de informática. Um exemplo é a sala "Acessa São Paulo" que, em Araraquara, está localizada na Biblioteca Municipal, onde qualquer pessoa munida de um documento pode, de uma simples sala, navegar pelos horizontes trazidos pela internet.

Outro exemplo para não restringir as tecnologias apenas à parcela com poder aquisitivo maior da população vem do Governo Federal, pelo "Projeto Cidadão Conectado - Computador para Todos", que pretende

acabar com esse abismo.

O projeto faz parte do Programa Brasileiro de Inclusão Digital do Governo Federal, iniciado em 2003. O "Computador para Todos" tem como objetivo principal possibilitar a população que não tem acesso ao computador, adquirir um equipamento de qualidade, com sistema operacional e aplicativos em *software* livre, que atendam ao máximo às demandas de usuários, além de permitir acesso à internet.

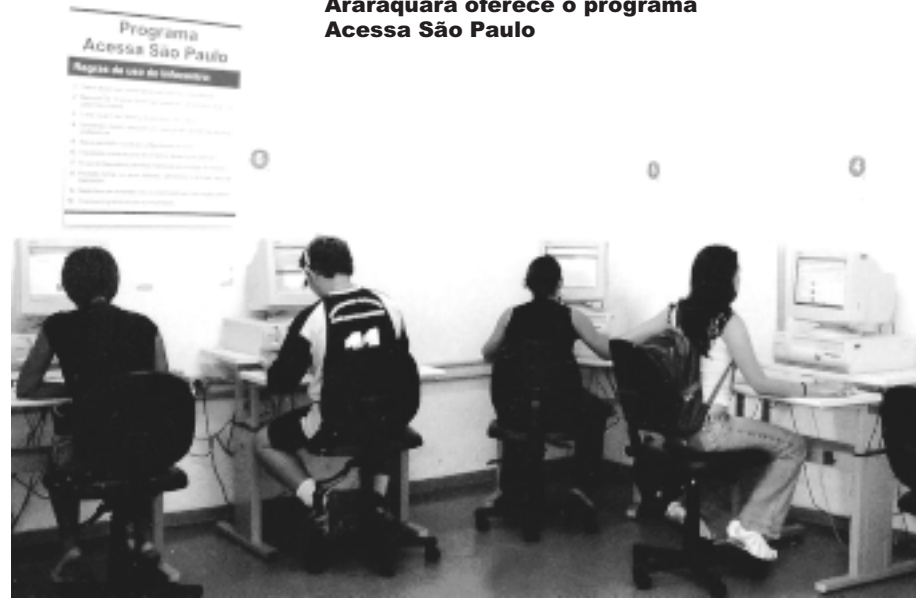
Para facilitar a compra do aparelho, o Governo Federal disponibilizará linhas de financiamento. Segundo o texto do projeto, a idéia não apenas disponibilizará o acesso às tecnologias, como também permitirá que toda uma cadeia produtiva venha a ser reforçada no Brasil.

Os interessados podem fazer o financiamento pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (Bndes), pela Caixa Econômica Federal (CEF) ou pelo Banco do Brasil, nas lojas conveniadas ao programa, sem data definida para terminar.



Mundo digital atrai consumidores

### Biblioteca Municipal de Araraquara oferece o programa Acessa São Paulo



## Câmera digital é febre no mercado fotográfico

Qualidade da fotografia digital ainda é inferior à analógica

Repórter

**Francisco L. Barbosa**

A praticidade da foto digital aliada à facilidade de se criar álbuns sem precisar pagar por revelações faz a diferença na compra de uma máquina fotográfica. Quem tem uma câmera digital e um computador com o *software photoshop* é capaz de produzir imagens com qualidade. Com isto, cada vez mais pessoas são atraídas para o mundo digital: os chamados fotógrafos amadores. Mas, apesar deste crescimento, o número de imagens documentadas está em baixa.

De acordo com o artigo publicado no site da Confederação Brasileira de Fotografia, estudos realizados recentemente, nos Estados Unidos, revelam que menos de 5% das fotos digitais se transformam em imagens reais impressas em papel fotográfico, as restantes, são descartadas ou armazenadas em CDs, DVDs, disquetes ou outras mídias que não garantem confiabilidade, continuidade e sobrevida por muito tempo.

"O valor do filme mais a



### Foto digital desperta o interesse de internautas

revelação fica muito caro. Com a máquina digital transiro as fotos para um CD e só mando imprimir as que mais gostei", explica Tiago Guidelli, que adquiriu uma

câmera digital há pouco tempo. Apesar de fotografarem mais, hoje em dia as pessoas revelam menos fotos. A informação é de Márcio Takatsui, proprietário de

uma loja de fotografia em Araraquara. "Mas uma coisa acaba por compensar a outra, ou seja, enquanto diminuiu o número de impressões por pessoa, no

geral, cresceu a quantidade de clientes que nos procuram para revelar", salienta.

E não foram somente as revelações que sofreram queda. A

diminuição na venda de máquinas analógicas também foi significativa. Segundo Takatsui, em sua loja, a redução chega a 80%. "As que ainda são vendidas custam em torno de R\$ 100,00. E normalmente quem compra esse tipo de equipamento são pessoas com baixo poder aquisitivo e que ainda não têm um computador em casa", explica.

Segundo o jornalista e professor de fotojornalismo do Centro Universitário de Araraquara (Uniara), César Mulati, a definição de imagem do filme ainda é superior a tecnologia digital. "Houve uma mudança de técnica muito radical. Saiu-se do analógico para o digital com muita força, entretanto, a qualidade não acompanhou ainda essa rapidez. Mas nada disso importa para uma boa foto. Se você não tiver um bom olhar não vai conseguir uma boa imagem", conclui.

A fotografia digital ainda é uma tecnologia em ascensão, mas progride em ritmo acelerado. Com o contínuo avanço, surge uma liberdade para expandir capacidades artísticas muito além do que permite o filme tradicional.

Foto: Simone Soriano

Foto: Simone Soriano

Foto: Simone Soriano



## Cultura do vinil ainda sobrevive na região

Em São Carlos, Araraquara e Ibaté existem colecionadores apaixonados por algo considerado “ultrapassado”

Repórter  
**Elias Taveira de Freitas**

No fim da década de 80 chegava ao Brasil uma novidade no meio musical do país, o CD. Com uma qualidade muito superior a do disco de vinil o compact disc chegava para mostrar uma nova faceta na música brasileira. Porém, como toda nova tecnologia sempre acaba exterminando a antiga, essa nova mídia chegou e fez com que o disco de vinil fosse jogado para escanteio.

Taxados de antiquados, os discos de vinil se tornaram, na última década, algo completamente ultrapassado, porém a recusa do público, em relação ao vinil, fez crescer um verdadeiro culto em torno dessa mídia.

Muitas pessoas, e por incrível que pareça, das mais variadas idades têm como hobby no Brasil colecionar os famosos discos de vinil. O colecionador de vinis e proprietário de loja de discos e CDs em Ibaté, Luis Carlos Drouem, diz que coleciona vinis a mais de duas décadas e que o som do vinil é, em muitos aspectos, até melhor que o do CD, pois parece mais autêntico.

Dono de uma coleção de mais de dois mil discos, Drouem tem verdadeira paixão pelo vinil.

“Não vendo nem troco essa coleção por nada, nem se alguém me oferecer todos os títulos em CD”, afirma Drouem.

Hoje, comprar vinis é algo um pouco difícil, pois quase nenhum artista lança seu trabalho nesse formato, no entanto em um segmento da música o vinil segue muito forte no ramo dos DJs.

Para o Dj Willian “D”, de São Carlos, o vinil é peça fundamental na música eletrônica e na sua vida. “Sem ele seria impossível manter as improvisações que tanto embalam as festas”.

Willian tem uma coleção de cerca de quinhentos discos a maioria deles especiais para DJs. “Sem músicas cantadas, apenas bases musicais”, completa.

### SEBOS

Outros grandes interessados na cultura do vinil e grandes colaboradores na sua divulgação são os sebos, pois neles é que são encontrados a grande maioria dos vinis, hoje em dia, e também onde são trocados e vendidos grande parte dos discos ainda disponíveis no mercado.

Para Ricardo, dono do sebo Túnel do Tempo em Araraquara, o vinil é de vital importância para a música, em geral, pois ajuda a difundir a cultura de outras épocas para pessoas mais jovens. “Não que os CDs não façam



Foto: Analice Gaspar Garrcia

### Vinil sobrevive na era digital e ainda é paixão de colecionadores

o mesmo, mas o vinil ainda traz o romance da coisa”, afirma. Além disso, ele explica que a procura por vinis é muito grande e o sebo está sempre cheio de

gente procurando por raridades.

Em Ibaté outro grande colecionador de vinis é Júlio Cezar Zecchin, a mais de vinte anos e dono de uma coleção de quase

três mil discos, (especialmente discos de rock).

Ele diz que seus discos fazem parte de sua vida e contam a história de uma época. “Os vinis

são tão importantes quanto os livros de qualquer biblioteca nacional. Em meu acervo tenho coisas que são difíceis de serem encontradas até fora do país”.

## Cinemas apostam em filmes de arte

Salas como do Cine Lupo, Cine Sesc e Sessão Zoom, no Espaço Cultural Para Todos, conquistam público diferenciado

Repórter  
**Itaici Perez**

Cinemas de Araraquara cedem espaço aos chamados “filmes de arte”, fornecendo mais opções aos apreciadores do gênero. Esse fator coloca a cidade em destaque na região, por ser a única onde esse tipo de filme encontra espaço na programação.

Enquanto a maioria dos cinemas exibe filmes mais populares, que sempre têm sucesso de bilheteria garantido, salas como o Cine Lupo, Cine Sesc e Sessão Zoom, no Espaço Cultural Para Todos apostam para conquistar um público diferenciado. Os filmes são, geralmente, de origem europeia, sul-americana e principalmente de produção nacional, que não têm o mesmo orçamento, publicidade e apelo que os filmes de Hollywood, mas que vão além do simples objetivo de entreter.

Cristiano Sottano, responsável pela programação do Cine Sesc, diz que os filmes de arte na cidade não são novidade. De acordo com ele, a Sessão Zoom já é uma tradição em Araraquara. Ela começou na década de 1970 com alunos da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e, em seguida, houve uma associação entre a Unesp e a Fundação Municipal de Arte e Cultura (Fundart) para que a Sessão Zoom não acabasse.

“No Sesc foi criado o CineClub, espaço aberto para passar filmes que são obras históricas e que tenham conteúdo cultural representativo”, comenta Sottano. “Este ano estamos tra-

balhando com vários ciclos que mostram obras de cineastas de todo o mundo, como o francês Jacques Tati e o cineasta alemão Fassbinder.”

Ele explica que, no CineClub, são apresentadas obras em formato DVD para a exibição dos filmes, diferente dos cinemas, com projetores de 35 milímetros. “Isso facilita o nosso trabalho, pois precisamos apenas solicitar a autorização e os direitos para a exibição do filme, além de ser mais barato do que a locação de uma película”, diz Sottano.

### PÚBLICO

Segundo Ana Elisa Saes, gerente

do cine Lupo, sempre houve interesse em trabalhar com filmes de arte. “Há pessoas interessadas por esse tipo de filme, e aqui na região a população é muito carente de obras desse gênero”, conta.

Ana Elisa conta que o público dos filmes de arte é diferente do que frequenta as sessões dos mais populares. Ela explica que, em geral, o público é formado por estudantes, professores e médicos que através de uma confraria, sugerem filmes, trocam informações e se tornam mais íntimos do cinema.

“Tem cliente que liga toda semana para saber qual filme vai entrar em cartaz, outros trazem

dicas e opções para filmes futuros, deixam telefone para serem avisados e até já levamos bronca de cliente por não tê-lo avisado de algum filme que tenha entrado em cartaz”.

Stênio Dias Ramos, estudante de Letras da Unesp, considera ótimo essa oportunidade que os cinemas abrem para os filmes de arte e confessa ter mais vontade de frequentar o cinema por causa da qualidade dos filmes. “Assim temos mais opção e não precisamos ficar alienados com essas grandes produções que geralmente não têm conteúdo nenhum”, diz.

Mas não é fácil conseguir filmes desse tipo. Ana Elisa explica que, enquanto uma grande estreia nacional entra em exibição, em média, com quatrocentas cópias, filmes considerados “de arte” saem com três cópias para todo o país. E estas apenas são liberadas para o interior após serem exibidas em salas especializadas da capital, como o Espaço Unibanco e o Cine Belas Artes.

## Sesi valoriza cinema nacional

Filmes conquistaram o público de Araraquara

Repórter  
**Charlene Hernandes**

O SESI de Araraquara realizou, até o dia 30 de junho, um ciclo de filmes com tema específico sobre diretores do cinema paulista. O ciclo, denominado “Diretores no Cinema Paulista” destacou, em sua primeira edição, quatro dos principais cineastas de São Paulo: João Batista de Andrade, José Mojica Marins, Carlos Reichenbach e Beto Brant.

Elisabete Fernanda da Silva aprovou a iniciativa. “Muito bom saber que o cinema brasileiro está em crescimento e que realmente está se fazendo bons filmes, diz ela que assistiu filmes que já foram exibidos.

O estudante Erick Manoto afirma ter gostado das exibições. “Não tinha o hábito de assistir filmes brasileiros, mas quando soube que estavam sendo exibidos no Sesi resolvi vir e não me arrependo, opina.

O cineasta João Massarolo, de São Carlos, elogiou as exibições. Porém, segundo ele com a infra-estrutura que o Sesi possui poderia ter feito mais.

“O Sesi deveria ter uma sala reservada para a apresentação de filmes brasileiros, seria um local destinado ao cinema brasileiro coisa que, no Brasil, é muito raro”, destaca o cineasta.

Ele completou dizendo que depois das apresentações, deveria acontecer um debate com o público, trazendo pessoas que possuem conhecimento em cinema para debater os filmes.

Segundo a Assessoria de Imprensa do Sesi de Araraquara, os filmes apresentados, possuem reconhecimento na história do cinema brasileiro. É o caso do filme produzido por João Batista de Andrade denominado “O homem que virou suco”; “Dois Córregos”, o premiado filme de Carlos Reichenbach e “Meia-noite Levantei sua Alma” e sua continuação “Esta noite Encarnarei no teu Cadáver”, de José Mojica Marins, além das recentes produções “Vlado: Trinta anos depois”, de João Batista de Andrade e “Crime Delicado”, do jovem cineasta Bento Brant, que tiveram boa repercussão junto a crítica e ao público.

As apresentações aconteceram, no Teatro do Sesi.



Foto: Mariana Teixeira

Cristiano Sottano, responsável pela programação do CineClub

### TEATRO DO SESI

Avenida Octaviano de Arruda Campo, 686,  
Altos da Vila Xavier / Araraquara



# ESPORTE

## Aumenta a prática de skate na região de São Carlos

Um dos principais fatores que fizeram o skate decolar foram os investimentos

Repórter **David Fugazza**

Ao longo dos anos, o skate é hoje o esporte que mais evoluiu na região de São Carlos. Os principais fatores que fizeram o skate decolar, foram os investimentos, como as construções de diversas pistas nas cidades. Atualmente as principais cidades da região como São Carlos, Araraquara e Matão contam com uma pista municipal de skate.

Outro fator que ajudou o skate foi a inserção do esporte em novelas televisivas, o que é o caso do programa Malhação da Rede Globo, que ajuda a divulgar o esporte. Esses programas, influenciam uma grande parte do seu público a praticar o esporte, fazendo o mercado melhorar suas vendas, diminuindo a discriminação contra os praticantes e popularizando o esporte. Porém, esses programas não são aceitos pela maioria dos skatistas, pois não mostram a realidade dos mesmos.

“Tenho certeza que quando acabar essa série, várias pessoas irão parar de andar” diz o skatista de São Carlos, Rodrigo Tarta, de 21 anos e seis dedicados ao skate.

Para Edevan Rossi, conhecido por Berinjela, comerciante e dono de uma loja de skatewear em São Carlos, a pista trouxe um aumento relativo nas vendas.

“Tivemos um aumento nas vendas de rodas, pois a pista gasta mais que o asfalto, em compensação diminuíram as vendas de shape que gasta bem menos na pista do que na rua”, declara.

Para ele a mídia não aumenta o número de skatista e sim o número de simpatizantes. “As grandes marcas estão investindo bastante em marketing e estão vendendo bem mais”, afirma Berinjela.

### MUDANÇAS

Dos anos 80 e 90 até os dias de hoje, o skate sofreu mudanças radicais. O skatista era visto por grande parte da sociedade como drogado ou vagabundo. O skate era discriminado, as prefeituras não se importavam, muitos locais proibiam a prática, alegando depreciação do ambiente e isso causava muitos problemas com moradores e policiais, sempre gerando conflitos e denegrindo a imagem do skatista.

Outro problema encontrado eram as poucas marcas existentes no mercado. “Tínhamos o mercado nas mãos de cinco marcas, ou a gente se submetia a pagar pelo preço que eles pediam, ou ficávamos sem andar de skate”, diz Edison Adriano de Matão conhecido como “Gibi” e que anda de skate a 16 anos e a cinco é um atleta profissional.

### PISTAS

As construções das pistas municipais vieram para alavancar o skate da região e tiveram uma importância gigantesca para os atletas. Elas tiram os jovens da prática nas ruas e existem num local apropriado, para andar, não causam mais os transtornos que aconteciam, os atletas evoluem mais rápido e ficam mais preparados para os campeonatos.

De acordo com o Ranking de 2005 da Confederação Brasileira de Skate o melhor profissional colocado da região é “Gibi”, que ficou em 48º lugar. Nesse ranking estavam os noventa melhores skatistas do Brasil na categoria street em 2005.

Para as meninas também está mais fácil andar de skate, pois a discriminação que acontecia contra elas diminuiu muito, mas nem por isso esses casos deixam de acontecer. “O pessoal fala que é esporte de homem, que eu tenho que praticar ballet, mas os skatistas curtem”, declarou a skatista de Araraquara, Caroline dos Santos Guilardes, que anda de skate a um ano e meio.

Hoje é mais comum ver garotas andando de skate. Existem marcas e materiais próprios para elas e também um site especializado para o público feminino ([www.skateparameninas.com.br](http://www.skateparameninas.com.br)), onde se encontra muitas informações, dicas, fotos e vídeos.



Skate ganha adeptos na região



## HISTÓRIA DO SKATE

O skate veio dos Estados Unidos para o Brasil em 1965 e era feito com roda de patins ou de rolemã preso em uma madeira. Em 1974 foi realizado o primeiro campeonato no Rio de Janeiro e, no mesmo ano, inaugurada a primeira pista de skate do Brasil.

Em 1986, o skate teve um grande crescimento, com diversas marcas no mercado, mas foi nos anos 90 que teve sua maior evolução com o aumento do número de praticantes devido a grande exposição na mídia. Hoje o Brasil representa a segunda maior potência no mundo do esporte.

Tipicamente urbano o skate se encontra-se em desenvolvimento, o Brasil já conta com uma Confederação Nacional, que tem como finalidade divulgar, desenvolver, difundir e organizar o esporte. Em São Carlos, por exemplo, os skatistas se uniram e fundaram a ASSC (Associação de Skatistas de São Carlos).

## Resultados rápidos incentivam o boxe feminino

O esporte atrai mulheres por garantir condicionamento físico rápido e aumento na concentração



O número de mulheres que praticam boxe é 35% maior que dos homens na academia de Araraquara

Repórter **Emanuele Fernandes**

Boxe para mulheres. Pode parecer estranho quando visto pela primeira vez, mas é a nova coqueluche em termos de malhação. Nas academias de lutas e ringues, elas buscam melhor condicionamento físico, desenvolvimento da concentração e até mesmo defesa pessoal.

Apenas na academia de boxe Arara Azul, em Araraquara, são 87 mulheres que praticam o esporte. Segundo o proprietário e professor Geicy Rafael, conhecido por Sabonete, esse número é, em média, 35% maior do que o de homens que frequentam a academia, cerca de 56, com

variação mensal. Quatro mulheres da academia já estão em fase de competição.

Boxeador meio médio ligeiro e 7º no ranking mundial, Sabonete diz que a principal diferença entre o homem e a mulher no boxe é que a mulher percebe mais rápido o resultado das aulas na estética corporal e, já que esse é o principal objetivo, elas não costumam desistir das aulas. O professor explica que, depois de aproximadamente quatro meses de aula, muitos homens desistem do esporte por medo, vergonha ou receio de que algum amigo o chame para “subir pro ringue”.

Mas a ousadia em querer invadir o universo masculino não é o único motivo do grande

aumento da procura por aulas de defesa pessoal e artes marciais. “A mulher é mais tranquila quanto à competição, não existe o peso cultural da obrigatoriedade de subir no ringue, por isso ela vem para trabalhar o corpo e começa a perceber rapidamente a diferença de massa e firmeza”, explica Sabonete.

Aulas de boxe garantem condicionamento e preparo físico, além da perda de peso mais rapidamente, uma vez que se trata de exercícios aeróbicos e não estáticos como seria a prática de musculação, por exemplo. “A mulher sente o corpo ‘secar’ e endurecer mais rápido que o homem. O boxe ajuda a reduzir o estresse, além de proporcionar

um resultado rápido”, revela o professor.

Engana-se quem pensa que o boxe tem sido praticado exclusivamente como exercício para manter a forma física. Não são todas as alunas, mas um número expressivo tem se preparado também para lutas em competições na categoria feminina. É o caso da pugilista paulistana Carla Thais Chiotti Rodrigues, de 18 anos, que treina boxe há cinco anos e há dois compete profissionalmente. “Desde que comecei o treino, minha vida mudou completamente. Criei iniciativa e responsabilidade”, conta. “É engraçado, mas no boxe aprendi coisas que nunca aprenderia em nenhuma escola”. Ela diz que o

preconceito contra boxeadoras é grande. “Mas temos que lutar contra isso, a favor da igualdade entre os sexos”.

### TREINAMENTO

A mulher pode escolher ter ou não contato físico com uma adversária (ou adversário). A alternativa é prática de golpes nos sacos próprios para o esporte, definindo assim o tipo de treinamento.

Como exercícios, estão incluídos os de pular corda, desferir golpes em acolchoados e sacos de areia, corrida, abdominais, estímulos de coordenação e concentração e exercícios localizados para glúteos, pernas e para região

da cintura. Este, alias, é um dos pontos a favor das mulheres, pois os movimentos do boxe são fundamentalmente fixados no quadril e na cintura, regiões em que a obtenção de resultados é mais difícil com outros esportes.

O treino na Academia Arara Azul é individual ou em grupos, conforme a preferência do aluno. No decorrer da atividade, os exercícios variam de intensidade.

“Aconselho as mulheres que estão pensando em adotar o boxe como esporte a começarem de leve”, alerta Sabonete. “Evitar o sedentarismo é a melhor forma de prevenir doenças”, lembra.



Aulas de Boxe proporcionam condicionamento e preparo físico



## Inclusão de deficientes preocupa instituições

Campanha da Fraternidade de 2006 trata do tema que é motivo de discussão

Repórter **Simone Dib**

A inclusão dos deficientes físicos na sociedade é um problema histórico, que vem sendo enfrentado, nos últimos anos, por diversas entidades que buscam promover ações positivas para romper o preconceito e a exclusão que atingem essas pessoas.

Em Araraquara, a União dos Deficientes Físicos (Udefa) já conseguiu estabelecer parcerias com diversas empresas para colocá-los no mercado de trabalho, segundo o presidente da entidade, César Augusto Ferreira.

Neste ano, a Campanha da Fraternidade da Igreja Católica também trata do tema, sob o título "Levanta e vem para o meio". Entre as ações realizadas está o treinamento de professores da catequese para receber alunos deficientes.

Todos os anos, a Campanha escolhe temas que despertam a sociedade sobre um aspecto da realidade social. O padre Geraldo Francisco da Silva, da Igreja de Sant'Ana, em Araraquara, lembra que o deficiente deve ter o seu lugar na sociedade. Para ele, fazer

com que o deficiente se sinta igual e com os mesmos direitos não é uma missão fácil para a Igreja. "Até porque, durante a campanha, todos tomam consciência, mas, com o fim do projeto, esse 'despertar' também acaba", diz.

Gilmar Pitanga, 39 anos, que ficou paraplégico aos 22 anos, em um acidente com arma de fogo, fala que campanhas do gênero não são eficazes por si só. "A campanha não muda nossa vida, mas se houvesse uma união dos deficientes e de outros segmentos da sociedade, com certeza, essa realidade mudaria" comenta. Há 14 anos, Pitanga é cadastrado na Udefa e trabalha em um estacionamento de um hipermercado da cidade há dois anos e meio.

Ele relata que, após o acidente, passou a ver a vida de outra maneira. "Se eu voltasse a andar, eu seria a pessoa que mais aproveitaria a vida, mas tomaria mais cuidado", fala. Pitanga também conta da dificuldade de andar nas ruas e lugares de difícil acesso, como as agências bancárias. "Banco é um problema porque falta adaptação para o deficiente", completa.

"O tema da campanha é importante, apesar de não mudar nada em nossas vidas", comenta Orivaldo José Fernandes, de 49 anos, que nasceu com paralisia cerebral. Ele trabalha há dois anos com embalagens de meias e conta que é bom ser lembrado pela sociedade. "Independente da campanha, levo minha vida normalmente", completa.

Orivaldo já morou em outras cidades e afirma que a população araraquarense não é preconceituosa, mas sim "orgulhosa". "Em outras cidades, nunca me senti tão excluído", diz. "Eu me sinto igual a todos, mas as pessoas me vêem diferente."

Outro grave problema são as famílias que escondem o deficiente dentro de casa. Segundo o padre Geraldo, a Igreja também deve atuar nessas situações. Para Pitanga, muitas vezes, a família perpetua o preconceito. "Isso não pode. Se a família tem preconceito, como querer que a sociedade não tenha?", questiona. O padre ainda explica que a campanha leva a consciência global e ultrapassa questões raciais e religiosas. "Todos devemos ser tratados iguais", finaliza.



Foto: Mariana Loreto

### ENTIDADES QUE ATUAM A FAVOR DOS DEFICIENTES

#### Associação de Assistência à Criança Deficiente - AACD

Pioneira no tratamento de deficientes físicos a AACD atende há 50 anos mais de cinco mil pacientes, entre crianças e adultos. Mantém um amplo serviço de assistência médica, fisioterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, psicologia, musicoterapia e hidroterapia, além das escolas da entidade, com turmas de ensino fundamental. O objetivo é preparar as crianças para o ingresso em escolas de padrão convencional, buscando a reintegração social. Hoje, 96% das consultas e terapias realizadas pela AACD são gratuitas. São realizados cerca de cinco mil atendimentos por dia em suas unidades espalhadas no país.

#### União dos Deficientes Físicos de Araraquara - Udefa

A entidade tem 930 pacientes cadastrados e atua na reabilitação de deficientes para o mercado de trabalho. Tem parcerias com quatro estacionamentos, uma fábrica de meias e uma loja de peças automotivas. Mantida pela prefeitura e por bazares beneficentes, a Udefa realiza 1.865 atendimentos gratuitos por mês, nas áreas de fonoaudiologia, psicologia, fisioterapia e equoterapia - terapia com cavalos aplicada com crianças de até 14 anos com paralisia cerebral.

## Mestrado da Uniara lança livro sobre assentamentos rurais no Brasil

Repórter **Juliana Franco**

O livro "Assentamentos Rurais: impasses e dilemas (uma trajetória de 20 anos)" é a primeira publicação brasileira que faz um balanço dos assentamentos rurais implantados no Brasil, a partir de 1985.

Ele visa socializar um balanço feito por mais de duas décadas de estudos e pesquisas. A obra reuniu pesquisadores em diversos estágios da carreira, e inclui desde trabalhos de iniciação científica até resultados de pesquisas de doutorados.

A obra foi organizada pela Coordenadora e Profa. Dra. Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante, do curso de mestrado do Centro Universitário de Araraquara (Uniara), e pelo professor Osvaldo Aly Junior.

A publicação tem o apoio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), da Associação Brasileira de Reforma Agrária (ABRA) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O livro faz parte do quarto projeto dos estudos sob as diferentes abordagens problemática sobre o tema. Ele aborda três eixos: Análises de como os

projetos de assentamentos são tratados pela agenda política municipal; influência dos assentamentos na relação com o desenvolvimento local e regional e a possibilidade das perspectivas de geração de renda.

"O objetivo da publicação é divulgar e promover o debate sobre temas relativos à Reforma Agrária e ao desenvolvimento dos assentamentos. O maior desafio durante a pesquisa foi manter uma equipe de jovens pesquisadores, comprometidos com o tema e com disposição para as atividades de pesquisa. Os assentados vivem sob a conjuntura das mudanças dos governos", comenta o professor Osvaldo Aly Junior.

Conforme Vera Botta, desde a promulgação do Plano Nacional de Reforma Agrária, em 1985, pesquisadores de várias universidades são convidados a participar do processo de discussão e implementação das políticas de assentamentos rurais.

#### EXPERIÊNCIA

A experiência é pioneira, por ter reunido representantes acadêmicos, movimentos sociais e órgãos gestores. Foram enfocadas perspectivas históricas, abordagens metodológicas das políticas de assentamentos, a problemática

das mulheres e jovens em suas experiências de Reforma Agrária.

Para Vera o livro procurou respeitar as diversidades regionais, a participação de agentes dos movimentos sociais e órgãos gestores dos assentamentos rurais.

Ela afirma que as experiências dos assentamentos estão criando novas bases para discussão do desenvolvimento local e regional de estratégias para sustentabilidade.

A professora salienta ainda, que num país com características agrícolas, os assentamentos têm mostrado a necessidade de uma outra agenda de desenvolvimento, comprometida com diferentes escolhas sociais e políticas.

#### LUTA

Grande parte dos assentados lutou por um pedaço de terra porque estavam desempregados e sem condições de sustentar seus familiares. Um dado importante é a preocupação alimentar e ambiental desses grupos. Muitos têm hortas ou outras produções livres de insumos químicos para o consumo próprio.

Mas, por muito tempo houve quase uma omissão dos poderes públicos no setor, o que provocou um cronograma deficiente de créditos e de assistência técnica.

"É preciso que existam alternativas mais claras para os jovens, que possibilitem geração de trabalho e de renda, por meio de programas municipais dirigidos aos assentamentos. Na maioria dos casos, o assentamento é um produto de mobilização dos agricultores sem terra, que desejam realizar sua aspiração de retorno à terra", sugere Vera.

#### PROJETO

Atualmente, as crianças dos assentamentos possuem acesso a um projeto inovador de ensino, "Educação do Campo", desenvolvido nos assentamentos Bela Vista, Chibarro e Monte Alegre. O programa possibilita a identificação da criança com o seu lugar, no meio ambiente, a diversificação agrícola e outras perspectivas de socialização e sustentabilidade.

Segundo Vera, o futuro dos assentamentos depende da ação de todos, governos estaduais e federal, com regras claras e créditos para os setores, apoio à agricultura familiar, ampliação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), dedicado à educação com perspectivas para os jovens. A grande dificuldade dos assentados é o acesso ao financiamento para investimentos.

Apoio cultural

**miltintas**  
sempre pinta uma novidade

Vendedores:  
Ribeiro: 16-9156 7738  
Paulo: 16-9724 9780

Av. São de Setembro, Corné, Araraquara-SP  
esquina com a rua oito - Tel: 16-3322 3709/3322 1091

Barro Preto  
Tel: 9111 0577

Apoio cultural

**maq1000**  
escritórios

equipamentos para escritório

Av. XV de Novembro, 959, centro - Araraquara - SP  
(entre ruas 8 e 9) - Tel: (16) 3333-2000

Apoio cultural

**Serralheria**  
São Geraldo

• portas • portões • estruturas metálicas • mezzanino • mobiliário

**Serralheria em geral**

R. Diogenes Muniz Barreto, 853 - Araraquara-SP  
Fone/Fax: (16) 3336 9495 - e-mai: serralherialm@terra.com.br